



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**DANILA SALVADOR HONORATO**

**LER POR PRAZER NO RITMO DO CORDEL**

**SARRA TALHADA**

**2019**

**DANILA SALVADOR HONORATO**

**LER POR PRAZER NO RITMO DO CORDEL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida

**SERRA TALHADA**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.**

H774l Honorato, Danila Salvador  
Ler por prazer no ritmo do cordel / Danila Salvador Honorato. –  
Serra Talhada, 2019.  
31 f.: il.

Orientadora: Maria do Socorro P. Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura  
em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade  
Acadêmica de Serra Talhada, 2019.  
Inclui referência.

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Literatura – Estudo e ensino. 4.  
Literatura de cordel. I. Almeida, Maria do Socorro P., orient. II.  
Título.

CDD 400

DANILA SALVADOR HONORATO

**LER POR PRAZER NO RITIMO DO CORDEL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria do Socorro P. Almeida – UFRPE/UAST  
1<sup>ª</sup> Examinadora/Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Jane Cristina Beltramini Berto– UFRPE/UAST  
2<sup>ª</sup> Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria de Fatima da Silva dos Santos – UFRPE/UAST  
3<sup>ª</sup> Examinadora

Serra Talhada, julho de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é o mínimo que podemos fazer diante de tantas alegrias que a vida nos proporciona. Agradeço a Deus pela dádiva da vida e por acordar todos os dias e ter forças para lutar e vencer cada obstáculo. Agradeço também cada pessoa que direta ou indiretamente contribuiu para mais essa conquista em minha vida.

Agradeço a minha mãe, a mulher mais guerreira que tive o prazer de conhecer, tudo que sou é graças a ela, que dedicou sua vida para cuidar de mim e de minhas irmãs.

Agradeço ao meu namorado, Nicholas, que aguentou minha ausência e estresses, estando ao meu lado em todos os momentos.

As minhas irmãs, Sabrina e Daiane que mesmo distantes, sei que podia contar com elas.

A meus irmãos de coração, que tive a honra de conhecer na universidade e que levarei para o resto da minha vida: Luana Mayara, Sílvia Leticia, Gessica Bonfim, Marcelo, Gustavo e Leidjane Nunes, que aguentaram minhas reclamações e chatices ao longo desses anos, me ajudando durante essa difícil jornada na UFRPE/UAST. Foram tantas pessoas maravilhosas que conheci, cresci tanto, tive experiências inesquecíveis ao lado de cada um.

Também gostaria de agradecer aos mestres dos quais fui aprendiz, seria impossível citar o nome de todos nessas poucas linhas, cada experiência seja aula, palestra, eventos ou corredores da UAST, foram determinantes em minha formação tanto profissional quanto pessoal, jamais me esquecerei de vocês.

Agradeço em especial a minha orientadora, Socorro Almeida, por todo apoio dedicado a mim durante a realização desse trabalho.

Por fim agradeço a banca pela disponibilidade de contribuir com este trabalho.

## Resumo

A presente monografia aborda discursões sobre a Literatura de cordel como um dos meios para auxiliar no processo de ensino/aprendizagem na construção de um aluno leitor, trazendo discursões sobre a importância da leitura assim como conteúdos abordados nos folhetos, e também traz algumas sugestões de trabalho com a mesma em sala de aula. Como embasamento teórico foram utilizadas fontes como Pinheiro (2018), que aborda diferentes formas de trabalhar com a literatura de cordel; Luyten (1983) e Cascudo, (2012) que conceituam e abordam aspectos extremamente relevantes sobre os folhetos e a literatura popular em geral. Candido (1980) em sua discursão sobre literatura e sociedade, Stuart Hall (2006) como base teórica para discursão sobre identidade e cultura refletidas na literatura de cordel, dentre outros. O trabalho foi dividido em três partes, a primeira traz discursões sobre a literatura popular e a erudita, abordando as características das mesmas assim como a importância de ambas para o processo de ensino/aprendizagem, a segunda parte foca na literatura de cordel sua origem e características e os aspectos culturais, trazendo algumas sugestões de uso em sala de aula, e como os folhetos podem despertar o gosto pela leitura. Com isso podemos perceber que o incentivo ao trabalho com o cordel em atividades voltadas ao processo de ensino/aprendizagem ressaltando a importância e riquezas como cultura viva e mutável é uma atividade instigante e prazerosa.

**Palavras-chave:** literatura, cordel, ensino, leitura.

## **ABSTRACT**

This monograph deals with discourses about cordel literature as one of the means to aid in the teaching / learning process in the construction of a student reader, bringing discourses about the importance of reading as well as contents covered in the brochures, and also brings some suggestions of work with the same in class. As a theoretical basis sources were used as Pinheiro (2018), which addresses different ways of working with cordel literature; Luyten (1983) and Cascudo, (2012) who conceptualize and approach extremely relevant aspects about leaflets and popular literature in general. Candido (1980) in his discourse on literature and society, Stuart Hall (2006) as a theoretical basis for discursion on identity and culture reflected in cordel literature, among others. The work was divided in three parts, the first one brings discourses about popular and scholarly literature, addressing the characteristics of the same as the importance of both for the teaching / learning process, the second part focuses on the literature of its origin and characteristics and cultural aspects, bringing some suggestions for use in the classroom, and how the leaflets can awaken the taste for reading. With this we could see that the incentive to work with the cordel in activities focused on teaching / learning emphasizing importance and richness as a living and changeable culture is an exciting and pleasurable activity.

Key words: literature, string, teaching, reading.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. LITERATURA POPULAR X LITERATURA ERUDITA</b> .....	11
1.1. Literatura popular: algumas considerações .....	11
1.2. Literatura erudita: algumas considerações.....	14
1.3. A contribuição de ambas as literaturas na formação educacional.....	16
<b>2. LITERATURA DE CORDEL</b> .....	20
2.1. Origem e características da literatura de cordel .....	20
2.2. Cultura e identidade evidenciadas através da literatura de cordel .....	25
<b>3. LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA</b> .....	29
3.1. Literatura de cordel como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem	29
3.2. sequência didática .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais o processo de ensino/aprendizagem é algo cada vez mais difícil de ser mediado, despertar o interesse dos educandos por práticas de leitura, escrita e produção é uma tarefa árdua, busca por ferramentas que auxiliem nesse processo é tema de vários estudos na contemporaneidade. Com isso em vista, discutiremos como sugestão o trabalho com a literatura de cordel em uma perspectiva abrangente, buscando ressaltar aspectos culturais, sociais e pedagógicos, dos folhetos e estratégias de uso do mesmo em sala de aula.

No primeiro capítulo vem uma contextualização para a discussão central do trabalho, que discorre sobre a literatura popular e erudita, traçando um panorama de discussões sobre ambas, discutindo sobre a literatura e sua evolução ao longo dos tempos, discutido sobre as modalidades desde de a literatura oral até chegar as vertentes atuais. Traçaremos um paralelo entre o erudito e o popular e a importância de ambas como ferramenta pedagógica, embasando as discussões com pesquisadores como Luyten (1983) e Cascudo, (2012) que conceituam e abordam aspectos extremamente relevantes sobre os folhetos e a literatura popular em geral.

Procura-se discutir sobre a literatura de cordel e suas raízes orais, evidenciando a semelhança entre as vertentes orais e escrita e sua importância bem como o contexto histórico dos primeiros registros da mesma desde a Grécia, Roma, Inglaterra até sua chegada ao Brasil trazidas pelos portugueses. Do mesmo modo, evidenciaremos autores que se destacaram ao longo dos tempos, mostrando com isso sua importância histórica e social e as riquezas e variedades presentes no cordel uma vez que a cada dia surge mais autores e temas para os folhetos, tornado o mesmo atemporal, mostrando-o como algo vivo e multável que se adequa a contexto diversos como símbolo de cultura e identidade de um povo, na perspectiva de Stuart Hall (2006) e outros estudiosos.

Com sua linguagem simples e acessível o cordel é uma ferramenta pedagógica que pode trazer grandes contribuições no processo de letramento, pois o mesmo interage com aspectos variados da língua, tanto orais quanto escritos e com sua variedade de temas pode ser abordado de forma interdisciplinar e contextualizada trabalhando com conteúdos didáticos, atingindo as expectativas objetivos almejados de forma agradável e contextualizada como mostra Pinheiro (2018), diante de experiências com o cordel em sala de aula.

Serão apresentadas sugestões de folhetos, temas e formas para ser trabalhado com alunos dos mais variados níveis de ensino, mostrando a contribuição dessa forma literária para o processo de formação de um indivíduo crítico e reflexivo, que saiba se posicionar em contextos sociais. Por fim, as considerações finais acerca do estudo aqui apresentado.

## **1 LITERATURA POPULAR X LITERATURA ERUDITA**

Para dar início às discussões desta pesquisa, apresentamos neste capítulo o conceito e algumas informações sobre a literatura popular e suas ramificações, abordando de forma mais ampla a literatura de cordel, possibilitando que o leitor tenha uma visão do seu contexto histórico, assim como sua influência e importância para a preservação da identidade do povo nordestino.

Também abordaremos algumas considerações sobre a literatura erudita, traçando um paralelo entre o Popular e o Erudito, argumentando sobre a importância de se trabalhar com as mais variadas vertentes literárias em sala de aula para a ampliação do repertório literário e cultural do educando.

### **1.1. Literatura popular: algumas considerações**

O verbete “literatura” abrange várias vertentes das manifestações artísticas sejam elas escritas ou orais. Seu significado original vem da palavra “littera” vocábulo em latim que significa letra, mas ela abarca muito além da escrita ou produção de texto, é responsável por manifestar a cultura e a realidade de um povo, sua amplitude é atemporal e suas vertentes são muito vastas. Conceitos como literatura erudita, literatura popular, literatura oral, literatura infantil, literatura de cordel, são cada vez mais frequentes, todos com um tipo de linguagem predominante, tendo também a função de se comunicar com um público alvo, expressando a realidade de determinado povo e as peculiaridades de épocas como costumes, linguagem, cultura, dentre outras.

Uma das primeiras manifestações artísticas foi a literatura oral, ela surgiu muito antes do advento da escrita, em uma época em que as pessoas simples não tinham acesso a outros meios de comunicação, a única forma de distração e de transmissão de informações era a oralidade, as pessoas costumavam sentar na calçada em rodas de conversa, para contar fatos marcantes do seu dia, e assim essas histórias ficavam registradas na mente dos ouvintes e eram

transmitidas de geração para geração, perdendo-se a ideia de autoria ou posse, sendo de livre acesso a todos. Portanto, a literatura oral foi fonte em que bebeu a grande maioria das literaturas posteriores, como mostra Câmara Cascudo:

Depois da ceia faziam roda para conversar, espairecer, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeio, façanhas de um cachorro, queda num grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da guerra do Paraguai, cangaceiros, cantadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte. (CASCUDO, 2012, p. 07).

Assim, a literatura oral veio crescendo e se popularizando, com o passar dos tempos e com o surgimento da escrita e outros meios de comunicação e entretenimento, veio a necessidade de se registrar essas estórias, os costumes de sentar nas calçadas e contar fatos do dia, foi perdendo espaço para os jornais, rádio, tv e outros veículos. Assim, a nomenclatura de literatura oral também não caberia mais nesse contexto, foi então que surgiu a literatura popular com suas variadas formas, como é o caso da literatura de cordel, contos, anedotas, lendas, causos, dentre outros.

A literatura popular escrita tem características semelhantes à literatura oral, por seu caráter espontâneo de retratar temas diversos que, na maioria das vezes, se baseia em situações rotineiras da vida das pessoas. Essa literatura, por muitas vezes é marginalizada e tida como inferior, em virtude do uso do vocábulo “popular” que é interpretado de forma simplificada. Segundo o *Dicionário online de língua portuguesa*, o termo popular: adjetivo de dois gêneros 1. Relativo ou pertencente ao povo. "indignação p." 2. Feito pelas pessoas simples, sem muita instrução. "arte p." Mas assim como o termo “literatura”, esse também é muito mais abrangente e rico. De acordo com Guerreiro (1986, p.1).

A designação de *Literatura Popular*, literatura do povo, associa uma entidade social que as mais das vezes não usa a escrita para representar a sua arte verbal. E, se assim é, o vocábulo literatura, no seu sentido

próprio, não serve bem o fenômeno a que se aplica. Pela oralidade que o caracteriza chama-se-lhe também *literatura oral*, expressão que, segundo Paul Zumthor, foi inventada em 1881 pelo notável folclorista francês Paul Sébillot<sup>2</sup>. Mas *literatura oral* contém uma contradição nos termos, além de que, abusivamente, exclui do seu âmbito as composições escritas.

Nesse contexto, vemos que o termo criado não abrange a literatura popular de forma geral, uma vez que ela continua com sua base oral, em uso até hoje, mas tem também grande parte de obras registradas escritas e esse aspecto abarca não só a poesia, mas também os contos, causos e outros gêneros populares. Dessa forma, o termo que melhor se encaixa ainda é de 'literatura popular', porque abrange tanto o aspecto oral quanto escrito e todos os estilos.

Literatura popular é a arte feita do povo para o povo, destinada as camadas mais humildes da população, ela existe com mais ênfase em lugares onde essa divisão de classes é algo evidente. Segundo Josep M. Luyten (1983, p. 11) "No Paraguai e no Peru, por exemplo, onde o povo simples fala respectivamente o guarani e o quíchua, a divisão entre elite e elemento popular é praticamente intransponível". Em países como o Brasil, mesmo a população fazendo uso da mesma língua, a desigualdade social é uma realidade constante, existe também uma vasta literatura, tanto popular quanto erudita, cada uma com suas particularidades essa divisão se dá também pelo fato de o povo não ter o mesmo acesso a escolarização que tem os membros das classes mais altas e de ter sua própria forma de representação. No passado, quando a maior parte da população morava em zona rural e os meios de comunicação eram bem mais escassos a grande maioria da população era iletrada, uma das poucas formas de entretenimento era a literatura, e em especial a oral visto que eles tinham como único recurso à memória para guardar aquilo considerado como importante.

Um dos ramos da literatura popular é a literatura de cordel com versos e rimas de fácil memorização, também se destacou e passou a ser além de entretenimento, um veículo de informação para aquelas pessoas que não tinham acesso a outros meios para saber de temas importantes, tais como a morte de figuras marcantes, no caso do famoso cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva

(1897-1938) conhecido por “Lampião”, que foi tema de vários cordéis após sua morte, assim como roubo de moças, estórias de vaqueiros, política, e outros.

O cordel era tido como fonte verídica na qual todos confiavam, como um tipo de jornal da época, atualmente o cordel ganhou outras utilidades, sendo muitas vezes portador de reivindicações de cunho social ou político, e também meio de entretenimento e ferramenta pedagógica muito utilizada em escolas, cordéis com temas didáticos e que envolvem várias disciplinas.

Isto posto, vimos a necessidade de ressaltar, nesse tópico, a importância da literatura popular na sociedade tanto atualmente quanto no passado, assim como o fato de que a mesma não é inferior a nenhuma outra vertente literária, cada uma delas cumpre um papel diferente em contextos distintos, e o papel da literatura popular é representar o homem de seu tempo, enquanto ela estiver cumprindo essa função será ferramenta indispensável na vida do seu público.

Nesse contexto, é importante, também, saber um pouco mais sobre o que chamamos de literatura erudita, no intuito de entender melhor as especificidades dos dois tipos de literatura e entender o porquê dos termos para denominá-las, é sobre a literatura erudita que trataremos na próxima seção.

## **1.2. Literatura erudita: algumas considerações**

Na maioria das organizações sociais há uma divisão de classes, dominadores e dominados, elite e povo, nobres e plebeus, dentre outros. Sendo assim, também é possível perceber formas diferentes de vivenciar e de representar o mundo, sejam essas representações relacionadas à música, ao teatro, a pinturas ou a qualquer outra manifestação artística. Com isso, a literatura também adquiriu uma classificação específica, sendo categorizada entre aquelas que foram feitas com um propósito mais culto voltado para a elite se não financeira, ao menos intelectual e aquelas que foram produzidas de forma mais espontânea voltada para o povo. Sendo assim, os termos literatura popular e literatura erudita passaram a ser usados frequentemente no meio literário.

Segundo a professora Juliana Bezerra, a literatura erudita está voltada a classe intelectualizada, e necessita de estudos e planejamento prévio. Costuma estar relacionada com as camadas sociais economicamente mais elevadas, pois são os indivíduos que conseguem ter acesso aos ambientes onde a erudição predomina, e também ter acesso a escolarização necessária para interagir com as informações por ela transmitidas.

De acordo com o *Dicionário online de português*, o termo erudito significa: “Aquele que tem um excesso de cultura e de conhecimento, geralmente conseguidos através da leitura”. Ou seja, o verbete está relacionado a conteúdos que foram construídos por meio de estudos e pesquisas e sendo assim, é algo mais restrito às camadas letradas da sociedade.

Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade evidencia* que tanto fatores externos quanto internos podem influenciar na leitura e compreensão do texto, ou seja, elementos como classe social, sexo, idade dentre outros. podem refletir na forma de entendimento de recepção da obra:

[...] e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2006, p. 13-14).

Então, tendo como propósito inicial fatores extratextuais e intratextuais pode-se perceber que a literatura erudita é facilitada para a aristocracia por ser provida de mais acesso econômico, acadêmico e social, dificultando de forma direta o contato a pessoas de baixo poder aquisitivo com essas obras.

Segundo Oliveira (2002), em *Introdução à sociologia* “A cultura erudita ou de elite é tida como aquela produzida em ambiente acadêmico e sua transmissão

dá-se, principalmente, por meio da escrita. Esta cultura é produzida e representada pela classe dominante.” Ou seja, essa cultura era de acesso restrito, apenas as elites podiam desfrutar delas, o povo por sua vez era excluído.

Obras como: *Romeu e Julieta* do escritor inglês Willian Shakespeare (1564-1616), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis, *Macunaíma* (1928), Mário de Andrade, *Vidas Secas* (1938), Graciliano Ramos, são exemplos de cânones da literatura erudita, que marcaram períodos literários, painéis históricos, grupos sociais, tendências estéticas, dentre outros, são obras muito importantes para a construção histórica, mas infelizmente não alcança todas as camadas sociais e são de difícil acesso para leitores iniciantes e com pouca instrução acadêmica. Por outro lado, são obras que bebem no popular, *Macunaíma*, por exemplo, traz além da linguagem coloquial, um acervo de costumes, ditos, lendas, mitos que fazem parte da cultura popular e que ficam fora de grande parte de textos considerados eruditos.

Portanto, percebemos que a literatura popular e erudita estão interligadas e contribuem com o processo educativo, social e de conhecimento geral para as sociedades, o importante é selecionar o contexto de uso e o público a ser destinado, por isso vamos observar um pouco desses aspectos na próxima seção.

### **1.3A contribuição das literaturas erudita e popular na formação educacional**

É comum acontecer o equívoco de acreditar que a literatura erudita é melhor e mais rica que a popular, por ser tida como culta e destinada a elite e comunidade letrada, ganhou o *status* de superioridade em relação às demais literaturas, sendo assim, está presente na maioria das vezes, nas escolas, universidades e demais ambientes letrados, em um caráter predominante, lugares esses que pouco tem espaço para a literatura considerada popular. Grande parte do público desconhece a importância dessas literaturas na formação do indivíduo, pois

mesmo sendo distintas, elas caminham juntas se complementando. Muitas formas de cultura como ópera e quadrinha, já fizeram parte da cultura popular e da erudita, desse mesmo modo, obras da literatura erudita tiveram versões populares e vice versa, como apresenta Domingues:

A relação entre a cultura erudita (ou da elite intelectual) e a cultura popular passa tanto pelas formas quanto pelos conteúdos dos sistemas de representações. Por isso, o cruzamento entre ambos os domínios não pode ser entendido como uma relação de exterioridade envolvendo dois conjuntos estabelecidos aprioristicamente e sobrepostos (um letrado, o outro iletrado). Pelo contrário, esse cruzamento – ou zonas de fronteiras entre o chamado “erudito” e o “popular” produz encontros e reencontros, espécie de fusões culturais. (DOMINGUES, 2011 p. 404)

Portanto, é possível perceber que as literaturas popular e erudita possuem um papel de fundamental importância na construção do indivíduo, e é possível e necessário interagir com as mesmas para assim possibilitar a ampliação do repertório literário e conhecimentos no geral. Para ilustrar essa discursão, usaremos a literatura de cordel que é um dos ramos da literatura popular como exemplo de diálogo entre o erudito e o popular.

O cordel possui a peculiaridade de olhar para culturas variadas e transformá-la em folhetos que ilustram realidades diversas, expondo hábitos, vivências, tradições e história de um povo, mas ele vai muito além desses aspectos, o cordel também bebe de fontes eruditas podendo assim adaptá-la e torná-la acessível para todos os públicos, exemplo disto são as adaptações feitas por cordelistas, de obras tidas como eruditas, para versão em folheto. João Martins de Athayde, por exemplo, adaptou *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, no início do século XX; assim como muitos clássicos dos contos de fada também tiveram suas versões em folhetos: *O gato de botas*, *Chapeuzinho vermelho*, *Branca de neve*, entre outros.

Essas obras chamam a atenção dos alunos por sua linguagem acessível, ritmo e encanto presente em cada verso dos cordéis, mostrando com isso que o mesmo não está limitado apenas a contextos simples e relatos sobre o homem da roça como é propagado por muitos, seu alcance vai muito além disso, a

diversidade de temas tratados nos cordéis torna-o um gênero ideal para trabalhar com inúmeros temas presentes no contexto educacional, podendo abarcar a interdisciplinaridade ou trabalhar com as mais variadas disciplinas. Cordéis sobre história, geografia, matemática, português, dentre outras, são comuns, assim como cordéis sobre temas transversais, acessibilidade, racismo, preconceito, também se fazem presentes no vasto acervo literário. Sendo assim, por que o trabalho com esse gênero ainda está tão escasso nas entidades de ensino, sejam elas de ensino fundamental, médio ou superior?

Isso posto, é importante discorrer sobre a impotência da literatura de cordel e suas contribuições enquanto vertente da literatura popular, para o desenvolvimento do ser humano assim como os demais ramos da mesma também podem cumprir esse papel, pois o caráter peculiar dos folhetos apresentam vastas possibilidades de estratégias de ensino/aprendizagem tanto em contexto escolar, quando fora dele, sendo uma forma de resistência e expressão cultural de um povo, tendo em vista que a formação do indivíduo vai muito além da alfabetização como especifica a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) nº 9.394/96 no Art. 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (Brasil, 1996, p. 1).

Dessa forma, as entidades de ensino devem promover um ensino amplo que forme cidadãos ativos e capazes de interagir em contextos sociais de forma crítica e reflexiva, ampliando sua capacidade de visão de mundo e conhecimento indetitário, tanto pessoal quanto do mundo ao seu redor, sejam elas do presente ou do passado, como por exemplo, a contribuição dos índios, portugueses, africanos e demais povos ao longo da história, que influenciaram o processo de construção Histórica. Esse aspecto faz com que o leitor perceba que não é um ser

isolado e que muito aconteceu ao longo dos séculos para que pudéssemos chegar ao contexto atual, possibilitando assim o conhecimento do passado, para entendimento do presente e construção de um futuro mais próspero.

Sendo assim, o diálogo entre as culturas se torna cada vez mais efetivo em uma sociedade globalizada, em que os meios de comunicação e o acesso à informação está cada vez mais acessível ao indivíduo, torna-se ineficaz a separação entre literatura popular e erudita de forma que o público letrado está aumentado e ambas as vertentes literárias possuem sua riqueza e peculiaridade destinada a contextos e momentos distintos, podendo atender a todos os públicos sem distinção de raça, classe social, gênero ou grau de escolaridade. Segundo Domingues (2011):

O pressuposto de que não é possível separar cultura popular e de elite de maneira fixa, congelada e polarizada, ganha cada vez mais espaço na produção do conhecimento histórico, de modo que os pesquisadores têm se convencido de que ambas as formas culturais se comunicam e, sobretudo, são polissêmicas, mutantes, forjadas por mediações, atualizadas e reatualizadas em cada contingência histórica específica. (DOMINGUES, 2011, p. 16).

Com isso, é possível perceber que a literatura popular e a erudita têm o mesmo valor cultural, mas destinada a ocasiões e/ou públicos distintos, sendo assim, nenhuma é superior à outra, podendo cumprir o papel de alfabetizar, letrando. Cabe à escola fazer uso de suas ferramentas e riquezas, pois sua proximidade permite que uma beba da fonte da outra, podendo haver uma releitura ou um aproveitamento de ideias, obras que pertencem à erudição, podem ser transformadas em folhetos assim como obras populares também podem ter releituras ou fragmentos como inspiração para obras eruditas. Abreu (2014) afirma que:

A distinção entre a composição e a recepção de folhetos nordestinos e a produção e a leitura de obras literárias eruditas fica clara quando se

examinam versões para folheto de narrativas eruditas, fato relativamente comum no interior da literatura de folhetos, em que há versões de A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães, de Ubirajara, Iracema, A Viuvinha, de José de Alencar, de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco, de Paulo e Virgínia, de Bernardin de Saint Pierre, de Romeu e Julieta, de Shakespeare, de O Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, para citar apenas alguns exemplos. (ABREU, 2014 p. 200).

Sendo assim, é possível um diálogo entre o erudito e popular buscando diferentes estratégias para trabalhar de forma dinâmica e prazerosa, com o intuito de proporcionar e ampliar a abertura de horizontes e perspectivas para o indivíduo. Posto que, nem sempre o texto em prosa que na maioria das vezes faz uso de uma linguagem rebuscada caberá em todos os contextos educacionais, por tanto é importante abrir os horizontes para outras possibilidades, como a literatura de cordel com versos, rimas e linguagem coloquial que possibilita uma melhor compreensão para o educando. Sendo assim a adaptação de cânones para versões em folheto podem contribuir para a ampliação do alcance do seu conteúdo.

## **2 LITERATURA DE CORDEL**

Neste capítulo iremos trazer algumas considerações sobre a literatura de cordel. Suas características como gênero textual, assim como autores marcantes e sua trajetória desde a origem até sua chega ao Brasil, com o intuito de proporcionar ao leitor uma familiarização com o gênero para melhor compreensão de sua importante influência histórica, social e educacional.

### **2.1 Origem e características da literatura de cordel**

A literatura de cordel é um exemplo de literatura popular, fruto da oralidade, pois foi através das narrativas orais, contos e cantorias que surgiram nossos primeiros folhetos, tendo a métrica, o ritmo e a rima como seus elementos formais essencialmente marcantes nessa literatura. Não é possível saber ao certo onde ou quando ela surgiu, há indícios de sua presença na Grécia, Roma, Inglaterra dentre outros. Em Portugal, inicialmente era conhecida como “folhas soltas” ou

“volantes” tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Trazida para o Brasil pelos portugueses “a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste”. (SILVA a, 2011, p. 18).

Com suas características peculiares, os folhetos ganharam o coração dos nordestinos, adquirindo suas próprias formas, adaptando-se as condições e necessidades do povo brasileiro. Clima, política, religiosidade e ideologias contribuíram para a produção de uma literatura peculiar e rica em cultura e diversidade.

O primeiro cordelista propriamente dito, no Brasil, foi Leandro Gomes de Barros que construiu sua própria tipografia e gerava os folhetos que escrevia. Leandro era paraibano, nascido na cidade de Pombal em 1865. Morou em várias cidades de Pernambuco e depois em Recife. Ele escreveu centenas de cordéis nos mais variados temas, tanto escrevia na perspectiva do fantástico como é o caso de *O Pavão Misterioso*, discorria também sobre as perspectivas sociais com muita graça e ironia, o que é possível constatar no fragmento a seguir do cordel “O fiscal e a lagarta”<sup>1</sup> (1917).

Estava um dia uma lagarta  
Debaixo de um pé de fumo  
Quando levantou a vista  
Viu um fiscal do consumo.  
Disse a lagarta consigo:  
Eu hoje me desarrumo.

O fiscal perguntou logo  
Insecto, o que estás roendo?  
A lagarta perguntou-lhe  
Fiscal , que andas  
fazendo? - Aperriando o  
commercio Tomando  
tudo e comendo.

Disse o fiscal: para imposto  
O governo me nomeia  
A lagarta respondeu-  
lhe Você precisa é

---

<sup>1</sup> Ver em: <http://rubi.casaruiarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/1759>

cadeia, Para perder  
o costume  
De andar roubando de meia.

Disse o fiscal: o governo  
Não poderá se manter,  
Sem procurar o imposto  
De quem comprar e vender,  
Artista e agricultor  
Pagam por justo dever.

Hoje, sendo considerado como patrimônio cultural, o cordel enriquece nossa literatura, e ganhou grande parte dos Estados brasileiros, tornando-se objeto de estudo na área de pesquisa, assim como instrumento de entretenimento e transmissão de informações. Tomando como referência a ideia de que todo cordel é literatura popular, mas nem toda literatura popular é cordel, entendemos melhor sua peculiaridade, pois mesmo ele sendo contado ou recitado em alguns casos, o cordel é em sua essência literatura escrita como observa Luyten (1983):

Muitos confundem *literatura de cordel* ou *poesia popular* com manifestações poéticas nordestinas. Há um fundo de verdade nisso, mas é bom lembrar de que há poesia popular em todo o Brasil (e, seguramente, em toda a América Latina). A literatura de cordel significa a parte impressa e como tal, representa menos do que 1% da poesia realmente feita a nível popular, mas que é apenas cantada por violeiros, trovadores ou cantores. (LUYTEN, 1983 p. 09).

Antes conhecida como “livrinhos de feira” ou “livretos” eram facilmente encontradas nas feiras livres, onde os cordelistas ou trovadores recitavam seus cordéis para despertar no público o interesse pelas obras. Por volta de 1960/70 alguns intelectuais resolveram adotar a nomenclatura “literatura de cordel” nome já utilizado em Portugal para obras semelhantes aos cordéis brasileiros. Em Portugal e Espanha havia o costume de pendurar em barbantes ou cordões os livretos como roupas em varal para comercialização em feiras ou lugares públicos. Mesmo essa forma de exposição dos cordéis sendo algo incomum no Brasil, o nome foi consagrado, e ninguém ligado a poesia popular desconhece o verbete “cordel”, como afirma Luyten (1983):

No Brasil o costume sempre foi o de expor os folhetos no chão, sobre folhas de jornal ou dentro de uma mala aberta. Isso permitia ao vendedor poder evadir-se rapidamente, quando aparecia algum guarda ou fiscal. Mesmo assim, alguns estudiosos persistiram no nome literatura de cordel e, hoje, dificilmente alguém o chama por outro nome. (LUYTEN, 1983, p. 33)

O termo causou polêmica entre os intelectuais da época que preferiam adotar o verbete “literatura popular” ou “poesia popular”. Mario Souto Maior opinou por várias vezes, contrário ao uso do verbete “cordel”: “Nossa arte deveria se chamar literatura popular ou poesia nordestina, menos literatura de cordel”. (SILVA, 2011 p. 16). Mesmo diante de tantas inquietações, o termo que ganhou as graças do povo e também dos cordelistas foi “cordel” e seus autores recebiam o nome de “poetas de gabinete” ou “de bancadas” e passou a ser contemplado e perpetuado por um público muito variado.

Com o tempo mudou-se muita coisa em relação à literatura de cordel, até mesmo o público alvo das obras sofreu uma grande modificação ao longo do tempo, com a globalização informativa e as influências dos meios de comunicação e a abrangência no acesso aos estudos, o cordel que antes era usado como veículo de informação e atingia na sua grande maioria, um público não letrado, pessoas simples que frequentavam as feiras e muitas vezes não sabiam ler nem escrever, passou a ser alvo de estudiosos e pesquisadores em todo o mundo.

Uma das características do cordel é que ele pode ser cantado como era comum nas rodas de cantoria bem semelhante aos repentes, o cordel com sua musicalidade conquistava as pessoas que o ouviam sendo frequente também as famosas pejejas (disputas) com cordelistas ou repentistas que travavam uma “batalha” nas rimas para ver quem conseguia completar o raciocínio do outro e continuar com os versos, algumas batalhas também foram escritas em livretos.

No intuito de baratear seu custo, o cordel geralmente possui características físicas peculiares, medindo 11 cm por 16 cm e tendo na maioria das vezes a capa

com um material melhor e um destaque de uma imagem detalhando o assunto do cordel, essa imagem que ilustra a capa do mesmo é chamada de xilogravura (gravura feita manualmente em matrizes talhadas na madeira); a etnologia da palavra vem do grego *xilon* (madeira) e *grafo* (escrever), por isso ficou conhecida como a arte de escrever em madeiras.

A mesma é uma marca muito comum nos cordéis e muitas das vezes é o próprio cordelista quem cria a imagem para ilustrar sua obra, mas também é possível encontrar atualmente, alguns cordéis que não possuem xilogravura na capa ou que essa tenha ilustrações feitas por outras técnicas, ou até mesmo computadorizadas.

Como todo gênero textual, o cordel também tem características que são fundamentais na escrita de um folheto, a métrica, rimas, estrofes e versos são partes fundamentais para caracterizar um cordel, dentre as mais comuns estão a sextilha: estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis versos, sendo que as linhas pares rimam entre si, conservando as demais em versos brancos.

O prêmio da inocência (Expedito Sebastião Silva)<sup>2</sup>

"Naquela noite as estrelas  
com uma luz **purpurina**  
parecia iluminar  
a mais escura **campina**  
transformando aquilo ali  
numa miragem **divina**."

A septilha, também conhecido com sete linhas ou sete pés é o poema que como o próprio nome já diz, é composto por sete versos, rimando os versos pares até o quarto, semelhante a sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto.

---

<sup>2</sup>Ver em <http://tudodocordel.blogspot.com/p/rima-e-metrica.html>

As coisas do meu sertão”, (Zé Bezerra de Carvalho) <sup>3</sup>

Já falei de saudade  
Tristeza e ingratidão  
De amor e de prazer  
E cantei de emoção  
Quero agora cantar  
E também quero falar  
Das coisas do meu sertão

A décima é a estrofe de dez versos de sete sílabas onde a primeira rima com a quarta e a quinta; o segundo com o terceiro, o sexto com o sétimo e décimo e o oitavo com o nono, como mostra o exemplo do poeta Ugolino do Sabugi:<sup>4</sup>

---

As obras da Natureza  
São de tanta perfeição,  
Que a nossa imaginação  
Não pinta tanta grandeza!  
Para imitar a beleza  
Das nuvens com suas cores,  
Se desmanchando em louvores  
De um manto adamascado  
O artista, com cuidado,  
Da arte aplica os primores

Essas características são algo indispensável na produção de um cordel, os mesmos são analisados de forma rígida pelos cordelistas e por seus leitores, pois as estruturas dos cordéis já foram consagradas ao longo dos tempos por cordelistas renomados e para se produzir um cordel é preciso conhecer e respeitar os aspectos históricos e estruturais do gênero.

## 2.2 Cultura e identidade evidenciadas através da literatura de cordel

Segundo Silva e Souza (2006, p.216) Cultura é “o registro de um povo” então nessa perspectiva sua função é ressaltar as formas de pensar e agir de um povo sendo assim a mesma apresenta mudanças contínuas ao longo da existência desses grupos sociais e mudam de acordo com contextos internos e externos.

---

<sup>3</sup> Ver em <http://tudodocordel.blogspot.com/p/rima-e-metrica.html>

<sup>4</sup> Ver em <http://tudodocordel.blogspot.com/p/rima-e-metrica.html>

Com isso é possível perceber que a cultura está diretamente ligada à formação das identidades sociais e pessoais dos indivíduos. O termo cultura é algo muito amplo que está relacionado a fatores tanto interno quanto externos, sejam eles de cunho social, geográfico, histórico, dentre outros que interferem diretamente na identidade e em nossas ações perante a sociedade, segundo Stuart Hall (1997).

Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (Hall, 1997, p. 01).

O ser humano é extremamente ligado a fatores sociais e suas ações também pautadas em ideologias e crenças que são geradas a partir do seu contexto de formação. Defende a posição de que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe (ROUSSEAU, 1995, p. 15), mas há grandes divergências em relação a essa ideia, algo que não pode ser negado é que fatores sociais influenciam muito na formação de valores de um indivíduo.

A cultura também se relaciona a fatores sociais, econômicos, de gênero, dentre outros, por esse motivo a formação cultural está cada vez mais evidente, sendo estudada e analisada por diferentes esferas da sociedade, sejam elas: artísticas, educacionais ou políticas, tentando observar ideias e valores que influenciem as crenças. Essa ideia está aprofundada por Stuart Hall em *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*.

Isto explica por que a regulação da cultura é tão importante. Se a cultura, de fato, regula nossas práticas sociais a cada passo, então, aqueles que precisam ou desejam influenciar o que ocorre no mundo ou o modo como as coisas são feitas necessitarão — a grosso modo — de alguma forma ter a "cultura" em suas mãos, para moldá-la e regulá-la de algum modo ou em certo grau. (HALL, 1997, p. 18).

Pelo fato de a cultura ser ferramenta na formação do indivíduo, há uma constante luta por espaço de “poder” e “superioridade”, expressões artísticas que cabem em determinados contextos já são menos relevantes para outros, e assim acontece a divisão entre erudito e popular, culto e inculto, pois os fatores econômicos, acadêmicos e culturais estão presentes nesses contextos divergentes, e as mídias e entidades se apropriam dessas culturas para tentar moldar a personalidade do público.

Um exemplo de gênero textual que também tem como característica a ideia, não de mudar a cultura, mas de preservá-la bem com de mostrar uma determinada região e aspectos culturais é a literatura de cordel que se destacou no Nordeste do Brasil devido à vasta cultura e tradições. Tendo sido abraçado pelos nordestinos os folhetos foram usados como ferramentas de expressão de situações reais do cotidiano, usando temas e figuras que se destacam na cultura popular como: Lampião; Padre Cícero (padim ciço) figura de devoção de muitas pessoas; vaqueiros; o diabo; animais. Tudo pode ser transformado em cordel, nas mãos de artistas populares que usam fatos do dia a dia para criar poesia e encantar a todos, ilustrando assim a realidade vivida pelo povo de forma poética, crítica e reflexiva. Isabel Cristina Martins Guillen, em sua obra *Poetas e cantores das viagens*, afirma que:

O Nordeste do Brasil pode ser considerado um local privilegiado em se tratando de cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, todos reconhecidos como grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, construindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GUILLEN, 1999: 149).

Na obra, a autora discorre sobre os poetas nordestinos e suas narrativas de forma única e majestosa, a realidade vivida por seu povo que costumava viver como imigrantes em viagens para a Amazônia e assim, tendo muitas estórias para contar, pois o cordelista por ser poeta popular busca retratar assuntos sobre o ponto de vista de seu meio, onde seu público encontre sentido e semelhança com a realidade. Com isso, fatos simples do dia a dia, nas mãos de um poeta se transformam em obras de arte. Assim, histórias de pega de boi, furto de moças,

religiosidade com cordéis sobre o diabo, padre Cícero Romão Batista, fundador e pároco vitalício da cidade de Juazeiro (Ceará) que é venerado como santo e conhecido como “Padim Ciço”, frei Damião, também tido como santo pelos nordestinos, cangaceiros como Lampião e Antônio Silvino também são temas constantes de cordéis.

Assim como fatores climáticos também são mostrados, como os dois extremos entre a seca que castiga com a fome e a partida de vários nordestinos a procura de trabalho em outras regiões do país, e a morte de pessoas e animais pela falta de alimento, pois uma das únicas fontes de renda era a agricultura; mas também mostra um Nordeste próspero, com um inverno abundante, digno de grandes festas e comemorações por uma colheita farta.

Por tudo isso, podemos dizer que qualquer fato pode ser transformado em cordel nas mãos dos habilidosos poetas, e assim, a cultura e identidade do povo nordestino passou a ganhar outras regiões do Brasil, hoje sendo também literatura brasileira e não apenas nordestina, pois ganhou espaço em várias partes do país.

Podemos encontrar uma grande variedade de cordéis sobre temas diversos sejam eles para entretenimento com histórias engraçadas, política, pedagógicos ou até mesmo releituras de contos de fada e obras eruditas. O cordel é atemporal e acompanha as evoluções de seu público ao longo dos tempos, surgindo sempre novos temas e autores, mas seus cânones continuam encantando pessoas no mundo inteiro. Conforme problematiza Hall (2006):

As identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Assim como a literatura de cordel, que chega ao Brasil como literatura colonial e se transforma em trincheira da resistência cultural do nordeste brasileiro e posteriormente passa a fazer parte da identidade nacional (HALL, 2006, p. 48).

Como isso podemos perceber que o cordel já não é apenas uma forma de entretenimento para o povo simples e sem instrução sua riqueza vai muito além,

ele é símbolo de resistência e luta de um povo, e a cada dia vem ganhando espaço e sendo estudado e trabalha em várias esferas da sociedade.

A partir das discussões aqui apresentadas, é possível perceber que o cordel é ferramenta de propagação da cultura de um povo, servindo de instrumento de transmissão de informações e identidade apresentando essa cultura geração após geração e ainda mais além, levando ao mundo a identidade de um povo simples, mas com uma cultura única e rica que merece ser conhecida, estudada e preservada. Portanto, é impossível separar a identidade dos nordestinos de sua cultura, pois o homem e a cultura são interligados onde um depende do outro para sua sobrevivência.

### **3 LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA**

Neste capítulo serão apresentadas discussões sobre a literatura de cordel na sala de aula, e sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem. Assim como exemplos de cordéis e formas de abordagem dos mesmos em contextos educacionais, em seguida uma sequência didática que possibilita ao professor o trabalho com o cordel e forma dinâmica e atrativa.

#### **3.1. Literatura de cordel como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem**

O ambiente escolar é dotado de um público variado sendo assim se faz necessário o uso de diferentes ferramentas para ampliar o processo de ensino-aprendizagem, com isso a literatura de cordel um gênero que pode contribuir para a alfabetização e letramento dos educandos, além possibilitar o conhecimento de diferentes culturas, ampliando o saber acadêmico e a visão de mundo. Visto que essa literatura busca de resgate das tradições de um povo assim como a apresentação de novos contextos e costumes, seja político, cultural ou social. Silva e Arcanjo (2012) afirmam que:

[...] o trabalho com a Literatura de Cordel, no contexto escolar, é extremamente valioso, na medida em que leva para os bancos escolares temas pertinentes que estão diretamente associados à formação dos discentes e associados à coletividade [...]. (SILVA, ARCANJO, 2012, p.2).

A literatura de cordel também proporciona o gosto pela leitura e o desenvolvimento de competências no geral, visto que a leitura ocupa um espaço de fundamental importância no processo de ensino/aprendizagem, a presença de obras literárias que chamem a atenção dos alunos e de diferentes estratégias de leitura são imprescindíveis para a formação de um leitor; pois a leitura abre caminhos para o conhecimento do mundo e de si mesmo, Marisa Lajolo afirma que: “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo pode se dizer de nossas aulas.” (LAJOLO, 1993, p.15) Sendo assim, o professor possui a função de apresentar “o mundo encantado da leitura” para possibilitar o despertar do ler por prazer e não apenas por obrigação. Uma das possibilidades de trabalho com a literatura de cordel em sala de aula é a realização de leituras dramáticas ou encenações que permitem que os leitores interajam e viajem na leitura sendo muito além de meros leitores passivos, sendo atores, encarnando os mais variados tipos de personagens e vivendo tramas fantásticas até a leitura dramática que, Segundo Hélder Pinheiro (2018, p. 103) seria o diálogo entre dois ou mais personagens.

As pelejas são uma boa ferramenta para esse tipo de leitura, segundo Gonçalo Ferreira da Silva (2011 p. 43), algumas das mais famosas são: Peleja de Manoel Riachão com o diabo, peleja de Romano de Teixeira com Inácio da Catingueira, Encontro de Leandro Gomes de Barros com João Martins de Athayde, Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, Peleja de Preto Limão com Inácio da Catingueira, Peleja de Severino Borges e Patativa do Norte. Esses exemplos são disputas poéticas entre os cantadores que foram escritas em cordéis.

É muito vasta a quantidade de pelejas e também os cordéis com mais de um personagem e com isso o trabalho se torna possível com vários níveis de

ensino e diferentes faixa etárias, essa leitura divertida e compartilhada possibilita ao educando um prazer pela prática de leitura e como é de característica do cordel, não sendo uma leitura apenas decodificando os códigos, mas uma recitação e uma penetração na obra trazendo vida para cada palavra da obra.

Vejamos algumas estrofes de *Mal assombrada peleja de Francisco Sales com o “Negro Visão”*, escrita por Francisco Sales Arêda. Como acontece na maioria das pelejas já no início o narrador nos situa:

Senhores, quem é poeta  
está sujeito encontrar  
  
com espírito maconheiro  
cheio de truque e azar  
  
que na vida foi poeta  
morreu inda quer versar.  
  
Digo assim porque comigo  
  
deu-se uma trapalhada:  
noite de senhor São João  
  
eu caí numa emboscada  
que pensei me acabar  
  
sem ver o fim da jornada.

O narrador que é o próprio Francisco Sales, a princípio não queria participar da peleja, mas acabou sendo “obrigado”, para atender ao pedido de um amigo ele foi participar de uma cantoria, chegando lá foi desafiado por um negro desconhecido, então começa a peleja:

Porém vi que era o jeito  
  
abraçar a discussão  
dei volta no pensamento  
  
a Deus pedi permissão  
mandei o negro seguir  
  
e fiquei de prontidão.

N.: – Ligue o fio umbilical  
na esfera mentalista

dentro do quadro da sorte  
com sistema realista

desdobrando a consciência  
em busca de nova pista.

F.S.: – Negro, quem és tu assim  
com tanto estilo e linguagem

me dizes de onde vens  
pelo mundo sem paragem  
qual é tua procedência  
originada com margem.

A peleja prossegue com suas 61 estrofes, abordando uma diversidade de temas, sendo citados nomes de personagens da cultura religiosa como Adão e Eva, São João, Jesus, a virgem Maria, dentre outros. Ao fazer uma análise minuciosa dos versos é possível constatar a riqueza de informações e a beleza com que a peleja é organizada.

Outro exemplo também é *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho* do poeta Firmino Teixeira do Amaral, escrito por volta do início da década de 1910. Trabalha com temas transversais como o racismo, que por volta de século XX era algo recorrente, o cordel é uma forma de trabalhar a conscientização e também um panorama das mudanças, explorando que uma obra como essa se fosse escrita nos dias atuais causaria umas grandes polêmicas.

Enfim, são inúmeras as possibilidades de trabalho com esse tipo de estrutura no cordel, que possibilita tanto uma abordagem com a oralidade quanto com aspectos da escrita, com seu impulso rítmico proporciona ao leitor uma experiência prazerosa e uma aprendizagem significativa.

Hélder Pinheiro em sua obra: *Poesia na sala de aula* afirma que “A escola precisa, com regularidade, levar esses textos para a sala de aula. A cultura popular tem vitalidade de riquezas e experiências. Privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-lo cada vez mais.” (PINHEIRO, 2018 p. 103) O autor

também relata experiências de trabalho com cordel em sala de aula, com diferentes formas de leitura e abordagens que surtiram muito efeito no processo de ensino/aprendizagem.

A trabalho com literatura de cordel em sala de aula é algo que precisa ser mais abordado nas universidades, nos programas de formação continuada, pois um dos principais motivos de essa proposta não ser trabalhada é a falta de conhecimento da maioria dos professores, que não conhecem e não bem lidar com a literatura popular. As possibilidades de trabalho são infinitas e a cada dia surgem mais pesquisas voltadas ao trabalho com a literatura de cordel em sala de aula.

Uma outra sugestão é o trabalho com adaptações de obras de gêneros trabalhados com frequência em sala para cordel como os contos de fada, fabulas, lendas etc. atualmente já existem muitas versões e vários autores como Manuel Monteiro, que entre outras temáticas, dedicou-se à adaptar vários contos de fada, como *chapeuzinho vermelho*, *o gato de botas*, *a dança das doze princesas* etc. Também Histórias e lendas do Brasil – contos nordestinos, de Tia Regina *O príncipe e a fada*, de Manoel Pereira Sobrinho *O flautista misterioso* e *Os ratos de hamelin*, de Braulio Tavares, *A peleja de Chapelzinho vermelho com o lobo mau* por Erivaldo Viana.

Todos esses são exemplos de obras que rementem narrativas na maioria das vezes já conhecida pelos alunos, então sua versão em folhetos poderá proporcionar uma nova experiência em relação as formas de leitura e contato com as obras. Um exemplo a ser analisado é o cordel *Branca de neve no bosque*<sup>5</sup> que tinha como proprietários filhos de José Bernardo da silva.

Esta linda princesinha  
Os seus pais fiquem cientes  
Com quinze anos de idade  
É mordida de  
serpente Depois da

dita dentada  
Falecerá de repente

Contendo 16 páginas o cordel entra no universo dos contos de fada narrado de forma encantadora a triste trama da princesa que ao nascer é vítima de um feitiço de uma fada má. Obras como essa podem contribuir significativamente no processo de ensino, mostrando outras estruturas e outros universos para apresentar uma trama que possivelmente a maioria já conheciam, mais que ainda assim tem muitas chances de chamar atenção do leitor, por ser algo diferente e atrativo.

Ariano Suassuana, em uma de suas obras mais conhecidas, *O Auto da Compadecida* (1955), buscou na poesia popular, a sua base inspiradora. Os folhetos *O enterro do cachorro*, *História do cavalo que defecava dinheiro* e *O castigo da soberba*, deram vida aos personagens da trama ficcional elaborada pelo autor, o qual considera o cordel como “a fonte autêntica de uma literatura brasileira” (SUASSUNA, 1999, p. 269).

Um exemplo deles é o cordel *o cavalo que defecava dinheiro* de Leandro Gomes de Barros<sup>6</sup>

Na cidade de Macaé  
Antigamente existia  
Um duque velho invejoso  
Que nada o satisfazia  
Desejava possuir  
Todo objeto que via

Esse duque era compadre  
De um pobre muito atrasado  
Que morava em sua terra  
Num rancho todo estragado  
Sustentava seus filhinhos  
Na vida de alugado.

[...]

Aí chamou o compadre  
E saiu muito vexado,  
Para o lugar onde tinha

O cavalo defecado.  
O duque ainda encontrou  
Três moedas de cruzado.

Então exclamou o velho:  
— Só pude achar essas três!  
Disse o pobre: — Ontem à  
tarde Ele botou dezesseis!  
Ele já tem defecado  
Dez mil réis mais de uma vez.

[...]

Reconhecendo nas narrativas, elementos que possibilitam definir a identidade de um grupo social assim como seus costumes e cultura. Com isso também é possível fazer um paralelo entre a obra de cordel, a peça teatral de Suassuna e o filme para chamar a atenção do aluno para temas variados com seu caráter espontâneo e divertido as obras trazem personagens que encantam e conquistam os leitores de todas as idades, como no caso do personagem João Grilo que deu vida ao personagem principal do filme o alto da compadecida;

No cordel *As Proezas de João Grilo*, de Leandro Gomes de Barros<sup>7</sup>, é possível trabalhar com uma diversidade de temas como no caso da cultura popular nordestina, a imagem do homem simples do campo que sofre constantemente com a seca, a pobreza, já no primeiro verso o autor começa descrevendo o personagem principal João Grilo que ilustra essa imagem de sofrimento do nordestino.

---

João Grilo foi um cristão  
que nasceu antes do dia  
~~criou-se~~ sem formosura  
mas tinha sabedoria  
e morreu depois da hora  
pelas artes que fazia.

O cordel também trata de temas da mitologia e do folclore brasileira como é evidenciado já na segunda estrofe onde ressalta a importância do personagem com vários elementos mágicos no dia de seu nascimento.

Na noite que João nasceu  
houve um eclipse na lua  
e detonou um vulcão  
que ainda continua  
naquela noite correu  
um lobisomem na rua

A partir da análise do cordel podemos chegar à conclusão de que mesmo com tanto sofrimento e pobreza, João grilo era muito estatuto, com sua esperteza sempre encontrava uma maneira de se sobressair diante das situações de dificuldade que surgiam em sua vida.

Os recursos do uso do fantástico e a linguagem simples com temas que estão presentes no cotidiano de muitos estudantes, possibilitam uma leitura prazerosa, que despertará inúmeras sensações nos leitores desde o riso, a problematização diante da realidade vivida pelo personagem.

Com isso, é relevante destacar que são inúmeras as formas de se trabalhar com o cordel em sala de aula, a riqueza e diversidade de temas faz do cordel uma ferramenta indispensável no processo de ensino/aprendizagem, pois com suas características peculiares o mesmo desperta em seus leitores o prazer pela leitura e amplia a imaginação dos mesmos possibilitando uma aprendizagem mais concreta e agradável.

### **3.2. Sequência didática**

#### **4 Objetivos gerais:**

Proporcionar aos alunos um contato mais direto com a cultura popular nordestina e brasileira possibilitando assim meios de despertar nos mesmos o gosto tanto pela leitura quanto pela produção deste novo gênero textual abordado no âmbito escolar, fazendo assim da leitura uma prática prazerosa e rotineira na vida do educando, usando como ferramenta a literatura de cordel para valorização das nossas raízes.

Possibilitar também o uso frequente da oralidade, por meio de relatos e produções de cordéis ajudando a valorizar a liberdade de expressão e a prática do contar histórias, sejam elas as dos folhetos ou seus próprios relatos de vida, pois o cordel ajuda a libertar a imaginação de quem entra em contato com ele.

#### **4.1 Objetivos específicos:**

- Despertar o gosto pela leitura de forma lúdica e agradável;
- Incentivar a prática de produção textual por meio da produção de cordéis;
- Melhorar a oralidade dos alunos por meio da leitura e comentários sobre as histórias e obras conhecidas e trabalhadas;
- Conhecer/reconhecer a história da literatura de cordel e da cultura popular brasileira;
- Valorizar as raízes da cultura popular nordestina por meio das histórias contadas nos cordéis e da estrutura presente no cordel;
- Compreender o contexto de produção próprio da literatura de cordel e reconhecer em exemplares do gênero a estrutura básica de uma composição poética (tema abordado, organização espacial das palavras, verso, estrofe, rima, ritmo, métrica);
- Incentivar o estudo da construção de versos com uso da métrica poética, como quadra, sextilha, setilha, quadrão, décima, etc;
- Conscientizar o uso dos diferentes TICs para que os alunos os usem de forma que venha a acrescentar significativamente no processo de ensino/aprendizagem;

**Etapa 1:** Leitura de um cordel, feita pela professora caracterizada com roupas típicas de cordelistas e acessórios nordestino; seguindo com um questionário com perguntas: *que gênero textual é esse? Alguém de vocês já teve contato com um cordel? O que vocês sabem sobre a literatura de cordel?*

Valorizando o conhecimento prévio dos alunos e acrescentando novas informações aquelas que eles já conheciam.

À medida que o debate for se prolongando poderão surgir novos questionamentos, entretanto durante este debate será apresentada oralmente a história da literatura de cordel de onde ela veio e como chegou ao Brasil e qual sua importância nos dias atuais e no passado.

**Etapa 2:** exposição de vários folhetos de cordel espalhados e organizados pela sala da aula para leitura dos mesmos, essa leitura será realizada da melhor maneira possível e de várias formas desde que o aluno venha a se sentir mais a vontade, sendo elas leitura silenciosa, leitura compartilhada, leitura em forma de jogral, dramatizada, declamação de poesias, etc.

**Etapa 3:** consolidação das informações dadas por meio do debate com a exibição do documentário feito pela equipe de reportagem do “globo rural” disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ./](https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ/)

Comentário sobre o vídeo;

**Etapa 4:** formação de três grupos para pesquisa e sorteio dos temas: A história do cordel; principais cordelistas da nossa região e características da literatura de cordel; ida a sala de informática da escola para realização da pesquisa.

Cada grupo ficará responsável por pesquisar de fontes seguras sobre seu tema e trazer todas as informações juntamente com um cordel que tenha a ver com seu assunto de pesquisa, para ler/recitar em forma de rodízio para o restante da turma, e apresentação das informações obtidas utilizando algum dos TICs, que eles conhecem;

Antes disso, haverá uma explicação feita pela professora do passo a passo e sobre o que são TICs, exemplificando, para mediar a ação dos alunos.

**Etapa 5:** apresentação dos trabalhos por meio de seminários onde toda a turma participará e fará suas colocações no momento da apresentação de todos o grupo, tornando assim mais rica e concreta a aprendizagem.

**Etapa 6:** formação de duplas para produção de cordéis fazendo uso das características apresentadas na aula anterior. Cada dupla produzirá o seu cordel usando estruturas diferentes, serão sorteadas as seguintes estruturas: Quadra, sextilha, setilha, quadrão, décima, etc; e cada aluno ficará responsável por produzir e explicar a estrutura do seu cordel;

**Etapa 7:** A correção dos cordéis era feita no processo de produção dos mesmos, por meio da professora que estará auxiliando os alunos e tirando qualquer dúvida sobre ortografia, estrutura e característica dos folhetos.

**Etapa 8:** oficina de xilogravura para cada dupla confeccionar a capa do seu caderno-folheto; as mesmas poderão ser feitas usando a batata, isopor ou lápis de cera, lixa e ferro de passar.

**Etapa 9:** ida a sala de informática para digitar os cordéis e montar um acervo de obras feitas pelos alunos; fazer a confecção de um mural com cordão para exposição dos mesmos. Os materiais usados serão barbante e pregadores de varal, para prender os cordéis que serão expostos, e fita adesiva para fixação do barbante no local que for escolhido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das discursões aqui abordadas, é possível perceber a importância e a dimensão educativa da literatura de cordel, que com sua linguagem simples carrega uma riqueza inimaginável, como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem, podendo proporcionar ao discente experiências que vão muito além da leitura e análise gramatical de um texto.

A partir do conhecimento do vasto acervo de obras e estudos relacionadas a literatura de cordel, é possível apresentar ao professor um leque de possibilidades de uso dos folhetos como meio de interação com as práticas de ensino, por sua linguagem e conteúdo mais próximos a contextos socioculturais dos alunos, pode possibilitar uma rica discursão sobre literatura e ideologias.

Com as variedades de temas de cordel sobre assuntos que envolvem matemática, história, geografia, artes, política, etc. possibilitam um trabalho interdisciplinar e atrativo, permitindo ao educando uma aprendizagem concreta e prazerosa, podendo trabalhar com os vários eixos de ensino sejam eles orais ou escritos.

Potanto, diante das discursões aqui abordadas espera-se que o presente trabalho possa contribuir para que se tenha uma visão mais ampla sobre a literatura de cordel e sua importância tanto para aspectos pedagógicos quanto sociais do indivíduo e que esse gênero seja mais utilizados em contextos educacionais tanto em nível fundamental quanto superior.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Horizontes antropológicos**, vol.10, no.22, Porto

Alegre July/Dec. 2004., “Então se forma a história bonita” — relações entre folhetos de cordel e literatura erudita.

ACADEMIA BRASILEIRA de literatura de cordel **Mal assombrada peleja de Francisco Sales com o “Negro Visão”** disponível em: <http://www.ablc.com.br/mal-assombrada-peleja-de-francisco-sales-com-o-negro-visao/> acesso em: 27 de jun. de 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA de literatura de cordel **O cavalo que defecava dinheiro** Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cavalo-que-defecava-dinheiro/> acesso em: 28 de jun. de 2019.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**.9. ed. Rio de Janeiro 2006: ouro sobre azul.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 1º ed. Digital, São Paulo: Global, 2012.

CORDELTECA, **Branca de neve no bosque** disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=literatura%20de%20corde%20-%20-%20c0001%20a%20c7176&pasta=c5367&pesq=> acesso em: 29 de jun. de 2019.

DIFERENÇA: **Cultura Popular e Cultura Erudita**. Disponível em: <https://www.diferenca.com/cultura-popular-e-cultura-erudita/>. Acesso 08 jun. de 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, disponível em: <https://www.dicio.com.br/erudito/>. Acesso em 09 de junho de 2019.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Media and Cultural Regulation, org. Kenneth Thompson Inglaterra, 1997.  
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 11ª edição.2006.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Poetas e cantores das viagens**. In: Errantes da

- Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Tese de Doutorado,  
Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, 73. P. (coleção primeiros passos)
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. A cultura. In: **Introdução à sociologia**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- PINHEIRO, Hélder, **Poesia na sala de aula**, ed. 1, São Paulo: Parábola, 2018.
- POESIA POPULAR NORDESTINA, **As proezas de João Grilo**, disponível em: <http://poesianordestina.blogspot.com/2013/10/as-proezas-de-joao-grilo.html>  
acesso em: 27 de jun. de 2019
- PORTAL EDUCAÇÃO. **Cultura de massa, cultura popular e cultura erudita**.  
Disponível em:  
[//https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/cultura/48831](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/cultura/48831).  
Acesso em: 16 jun. 2019
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3.ed. Rio de Janeiro:  
Bertrand Brasil, 1995.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 5 ed.  
Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio **Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. Inf. &  
Soc.:Est., João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006
- SILVA, S. P. da.; ARCANJO, J. G. **A Literatura de Cordel e o Ensino de Ciências:  
uma Linguagem Alternativa na Promoção da Reflexão Socioambiental**.  
Revista  
Virtual Partes. Disponível  
em:<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3932234>.  
Acesso em: 24 jun. 2019.